

IN

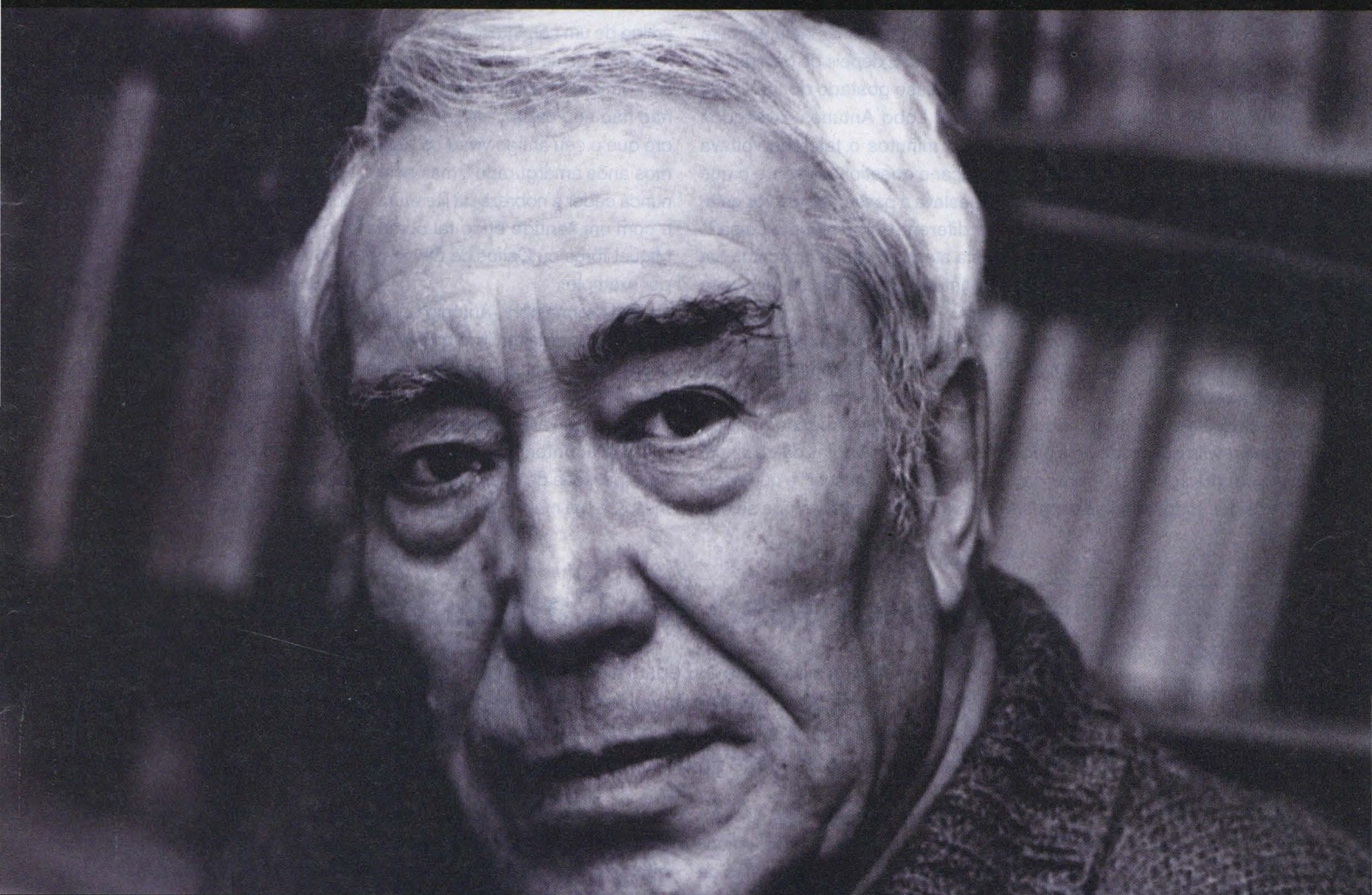
#038

32'DESTAQUE O REGRESSO DE CARDOSO PIRES

36'NA BIBLIOTECA DE BAPTISTA LOPES 37'INTERNET 38'LIVROS

42'ROTEIRO 44'CINEMA 46'MÚSICA 48'TEATRO E DANÇA

50'MERCADO DA ARTE 51'LEILÕES 52'ARTES PLÁSTICAS 53'ARQUITECTURA



NOVA EDIÇÃO REVELA
OS CORTES DA CENSURA
EM **CARDOSO PIRES**

O “Zé” por António Lobo Antunes

José Cardoso Pires recordado por outro grande escritor

“**HOUVE UMA ALTURA** da minha vida em que tinha um grande amigo que se chamava José Cardoso Pires e dávamos os livros a ler um ao outro.” Quem assim recorda o escritor é António Lobo Antunes, um dos seus maiores amigos e companheiro. Ao pedir-se-lhe para recordar José Cardoso Pires diz: “Lembro-me quando foi do *Fado Alexandrino* e que ele nunca mais me dizia a sua opinião, até que lhe perguntei: ‘Ó Zé, o que é que achas-te?’ E ele respondeu: ‘Não sei, ainda só li uma vez’”, facto que mostrava o seu rigor perante a escrita.

Contemporâneo, António Lobo Antunes revela que ainda hoje não passa um dia sem se lembrar do amigo e que todos os dias espera

por um telefonema de José Cardoso Pires lá pelas 10h00, hora a que ele costumava telefonar-lhe a primeira vez do dia. E depois de desligar, se não tivesse gostado do timbre da voz de Lobo Antunes, passados cinco minutos o telefone voltava a tocar e questionava sobre o que se estava a passar: “A tua voz estava diferente, tens alguma coisa?” Esta atenção, afirma o escritor, era constante e nunca se esquece dela.

Quando se lhe pede para fazer um retrato de José Cardoso Pires, utiliza palavras inesperadas: “bruto e sem lágrimas”, “rugoso” mas de “uma delicadeza total, da qual nunca me há-de esquecer” e que admirava todas as pessoas que se em-

penhavam no que faziam. O “Zé”, afirma Lobo Antunes, podia ser amigo de um carpinteiro, de um jornalista ou de um médico, mas tinha de admirar o trabalho deles: “Se não não sou capaz.” No entanto, crê que o seu amigo viveu os “últimos anos amargurado”, mas sem nunca ceder à nobreza da literatura e com um sentido ético tal como Miguel Torga ou Carlos de Oliveira, por exemplo.

Da sua própria obra, António Lobo Antunes recorda um livro que marcou a vida de ambos – *A Exortação aos Crocodilos* –, porque “a narrativa antecipava sem querer o mal que iria acontecer brevemente a duas pessoas de quem eu gostava muito”, a sua mulher e o amigo José

Cardoso Pires, cujas doenças profeticamente vinham relatadas no volume. E foi devido à sua opinião que um dia decidiu abandonar a vida médica para se dedicar exclusivamente à escrita. “Eu gostava muito de ser médico, mas o Zé Cardoso Pires dizia-me: ‘Se queres ser escritor, não podes ser médico ao mesmo tempo, é uma coisa que absorve o tempo todo’.”

De um facto, António Lobo Antunes não tem dúvida de que “infelizmente é um homem de quem parece que as pessoas se estão a esquecer”, e lamenta-o pelo valor da obra deixada. E surpreende-se quando lhe dizem que já vão passar dez anos sobre a morte de José Cardoso Pires. ■ JOÃO CÉU E SILVA

O regresso de Cardoso Pires

A reedição de um livro que a Censura apreendeu em 1952 (*Histórias de Amor*), meses depois da publicação de uma novela semi-inédita (*Lavagante*), prova como um editor a sério (Nelson de Matos) mantém uma relação de lealdade criativa com José Cardoso Pires, dez anos depois da morte do autor de *O Delfim*

sempre as duas primeiras, *Os Caminheiros e Outros Contos* (primeira edição em 1949) e *Histórias de Amor* (1952). A elas se acrescentava a menção “fora do mercado”, um eufemismo para dizer que tinham sido apreendidas pela Censura. O autor nunca mais tentou reeditá-las tal e qual elas tinham sido apresentadas. Em 1963, reuniu em *Jogos de Azar* quase todos os contos de um e outro livro, em versões revistas e muito alteradas, acrescentando-lhes um Prefácio em que alertava: “São em grande parte histórias de desocupados – não no sentido naturalista do termo, espero –, de

criaturas privadas de meios de realização, num plano objectivo em que as crepuscularidades da angústia não desempenham, *mea culpa*, o papel tantas vezes conveniente ao gosto preocupado dos espectadores.” *Histórias de Amor* teve um percurso revelador da forma como o salazarismo tratava os escritores, sobretudo os (quase) estreados, como era o caso. Apreendido directamente pela PIDE, que deteve o autor por três dias, o processo passou para a Censura, que o intimou a comparecer na sede dos serviços. Ali, o director, “um major sinuo-

so que dava pelo nome de David dos Santos”, propôs-lhe que fizesse emendas ao texto, insinuando que só assim seria possível levantar a interdição. Cardoso Pires levou para casa o exemplar com os cortes sugeridos e “esqueceu-se” de o devolver com ou sem as alterações. Pouco tempo depois, houve uma remodelação dos Serviços de Censura e o caso ficou esquecido. Agora, Nelson de Matos, o seu editor de tantos anos – na Arcádia, na Moraes e na Dom Quixote –, decidiu recuperar esse exemplar valioso (para a história da obra de Cardoso

Pires e para a história da vergonha nacional que foi a Censura sob o “Estado Novo”) e publicá-lo, numa edição que assinala precisamente todos os cortes então impostos (ou “sugeridos”). Se fosse só isso, os admiradores de Cardoso Pires (e os estudiosos da história contemporânea portuguesa) já agradeceriam o gesto. Mas há mais. Nelson de Matos juntou-lhe a carta que o autor dirigiu ao director dos Serviços de Censura (em 26 de Outubro de 1952), em defesa da sua obra, e acrescentou-lhe três críticas que, apesar da rapidez da apreensão, o livro suscitou então a Mário Dionísio (na revista *Vértice*), Luis de Sousa Rebelo (*Bu-*

letin of Hispanic Studies) e Óscar Lopes (*O Comércio do Porto*). Devido às características da publicação para que escrevia, Sousa Rebelo foi o único a referir, em nota final, que “a sinceridade e o vigor realista da obra de Cardoso Pires levaram à intervenção da Censura, que apreendeu o livro e o retirou do mercado”. Os cortes assinalados no livro exemplificam bem os objectivos da Censura. Tudo o que se refere a sexo, cenas de nudez, linguagem popular (incluindo um certo calão lisboeta da época) é implacavelmente cortado. Curiosamente, o último conto, *Romance com Data* (o único que ficou de fora de *Jogos*

de Azar) descreve a prisão de uma estudante antifascista (de forma pouco elíptica), mas a Censura deixa passar o texto, preocupando-se “apenas” em cortar expressões como “nu”, “os lábios colados ao corpo dele”, “abraçando-o muito, aos beijos” e outras semelhantes. No ano (e quase no mês) em que se assinalam dez anos da morte de José Cardoso Pires, esta (re)edição de *Histórias de Amor* vem provar que um editor inteligente, experiente e leal aos seus autores ainda pode surpreender os leitores e dar lições a um mercado editorial inchado, com a mania das grandezas, mas uma imaginação mirrada. ■

ALBANO MATOS

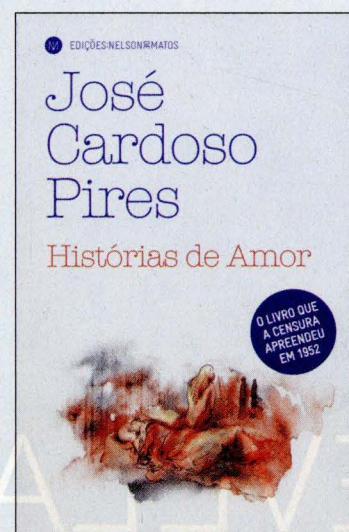
Um Lavagante desconhecido



José Cardoso Pires não é Fernando Pessoa. Os seus admiradores não esperam, por isso, que de uma arca imaginária saiam inéditos em catadupa. Mesmo assim, Nelson de Matos conseguiu surpreender ao publicar, em Fevereiro, *Lavagante* – *Encontro Desabitado*, uma novela semi-inédita, já que uma versão reduzida do texto fora divulgada, em Dezembro de 1963, pela revista *O Tempo e o Modo*, que então o apresentara como “um capítulo do próximo romance de JCP”. Provavelmente elaborada entre 1963 e 1968 – isto é, entre a publicação de *O Hóspede de Job* e a de *O Delfim* – a novela permaneceu inacabada (e sabe-se como era importante para o autor o trabalho de apuramento de escrita, de rigor de linguagem, de obsessão pelos pormenores). A versão mais completa divulgada este ano revela pormenores do melhor Cardoso Pires: nas personagens, no diálogo, no estilo. Um verdadeiro achado. AM



FOTOGRAFIA: LUISA FERREIRA



Contos
Histórias de Amor
JOSÉ CARDOSO PIRES
EDIÇÕES NELSON DE MATOS
Durante muitos anos, nas primeiras páginas de cada novo livro, ao enumerar as obras até então publicadas, José Cardoso Pires incluía